

**ARTE SACRA, ARTE SOCIAL: PINTURAS MURAIIS DE EUGÊNIO DE  
PROENÇA SIGAUD EM JACAREZINHO-PR. (1954-1957).**

Luciana de Fátima Marinho Evangelista<sup>1</sup>

Doutoranda em História - UFF

lufmaev@yahoo.com.br

Em 1954, Eugênio de Proença Sigaud (1899-1979) se instalou em Jacarezinho, cidade do norte do Paraná, para trabalhar como arquiteto e pintor da Catedral Diocesana<sup>2</sup> para nela executar 600 m<sup>2</sup> de pinturas murais modernistas a convite de seu irmão bispo Dom Geraldo de Proença Sigaud.

Nascido no Distrito de Santo Antônio de Carangola município de Itaperuna – RJ, o pintor era o terceiro filho dos nove que tiveram Paulo de Nóbrega Sigaud e Maria da Proença Sigaud, batizado com o nome de Eugênio de Proença Sigaud. Era, segundo Gonçalves (1981), de uma família tradicionalmente católica e descendente de nobres franceses (seus avós paternos eram o médico Joseph François Xavier Sigaud e Eugénie Jeanne Geneviève Fargés Sigaud). A infância de Eugênio foi na fazenda e aos 12 anos, estudou em regime de internato no Colégio Salesiano em Niterói, cujo “[...] ambiente excessivamente religioso e rígido em sua proposta de estudo e disciplina não atrai ao juvenzinho que não hesita em fugir uma noite, retornando a Minas” (GONÇALVES, 1981, p. 18). Mesmo com esse histórico de vida, Eugênio Sigaud, dizia-se ateu.

Um vestígio da opinião de Eugênio Sigaud sobre sua relação com a arte religiosa, nós encontramos em uma entrevista dada pelo pintor a Norma Couri, na reportagem “Sigaud, o pintor dos operários”. Na matéria, o pintor fala de seus motivos na pintura: “- É a cena social urbana que me provoca. A ida assim massacrada pelo sistema.”. Contudo mitologias e cenas bíblicas também marcaram a sua produção artística, esse fato explica pela educação religiosa rígida recebida pelos pais, e quando questionado sobre ter sido o

---

<sup>1</sup> Pesquisa de doutorado em andamento sob orientação do dr. Paulo Knauss de Mendonça.

<sup>2</sup> A igreja teve sua construção iniciada durante o bispado de Dom Ernesto de Paulo, em 1943, sendo o projeto inicial de Benedito Calixto Neto, arquiteto também responsável pelo projeto do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

trabalho em Jacarezinho uma fase religiosa, responde: “-Não, uma *encomenda* religiosa.” (JORNAL DO BRASIL, 06/03/1977, p. 5.).



Figura 01. Vista Aérea da Catedral. Fotógrafo: Alfredo Jorge. S/d.

Artista Modernista, na trajetória artística de Sigaud é bastante lembrado o fato de ter estudado na Escola Nacional de Belas Artes, quanto foi aluno de Modesto Brocos, bem como por ter participado do Núcleo Bernardelli e do Grupo Portinari. (EVANGELISTA, 2012). As atividades desempenhadas em Jacarezinho correspondem a uma fase “madura” do artista — que tinha 55 anos quando pintou o primeiro painel da Igreja —, até porque

[...] sua obra, [foi] aproximadamente estimada em cerca de quatro mil trabalhos entre ilustrações, quadros (executados em diversas técnicas) miniaturas, estudo para vitrais e murais, sem contarmos, é claro, com os projetos de Arquitetura e Decoração, e os feitos em séries, tais como Pontas Secas, Litografias, Serigrafias e Múltiplos. (GONÇALVES, 1981, p. 77).

Com uma carreira rica em obras, o tema dos operários foram uma constância ao longo de boa parte de sua trajetória artística, por isso ficou conhecido como conhecido como “O pintor dos operários”. Ateu e comunista, defendia a arte como um fazer político e a popularização da arte, e, conforme indicam suas palavras mencionadas no início deste texto, via na decoração mural um meio de cumprir tais ideais artísticos. Apesar de ser um grande defensor do muralismo, conforme Quirino Campofiorito, Eugênio Sigaud não

recebeu tantas encomendas de pinturas murais porque o grande protagonista de sua pintura era o trabalhador insubordinado ao patrão. (CAMPOFIORITO, 1982, p. 132). Apesar disso, seu maior trabalho, os 600 m<sup>2</sup> de pintura mural na catedral de Jacarezinho (figura 01) configurou-se como uma oportunidade do artista reafirma a alcunha de o “pintor dos operários” ao se inspirar nos trabalhadores da cidade, como pedreiros e cafeicultores, para representar as narrativas religiosas encomendadas por seu irmão Dom Geraldo de Proença Sigaud, então bispo na diocese de Jacarezinho. (Figura 01)

Com intervenções também no arquitetônico, a catedral que possui traços do estilo românico, e em formato de basílica, e com pilares (figura 02). E decoram essa arquitetura 43 pinturas murais emolduradas, e um emoldurado em branco, podem ser subdivididos numa distribuição por seis ambientes. Logo na entrada ou pórtico temos o batistério; depois na nave há 14 painéis, sendo 12 dedicados às profecias da vinda do Messias, mais dois aos profetas; enquanto o transepto possui mais 12, sendo 4 relativos as ladainhas de Nossa Senhora a, 4 referenciando aos profetas, e os 4 demais narrando a expulsão do paraíso, o nascimento de Cristo, a crucificação e um em branco que seria a ressurreição; há ainda oito painéis nas duas capelas secundárias, ou seja, a capela dedicada a São Sebastião, o padroeiro da cidade, e a do Santíssimo, na primeira capela estão o “Martírio de São Sebastião”, o “Tributo do Povo do Paraná a São Sebastião”, e as virtudes cristã, enquanto no Santíssimo estão o Sermão da Montanha, o Encontro de Cristo com o Espírito Santo e as “Virtudes Cristã”; por fim no presbitério 4 painéis foram dedicados a “Via Sacra”, outros dois aos profetas, mais dois aos quatro Evangelistas e no Altar-Mor, com seus 11 metros de diâmetro por 3 metros de altura, está “O Povo de Jacarezinho e o seu Clero na Promulgação do Último Dogma de Pio XII” Além dos painéis, toda a parede dos 600 m<sup>2</sup> recebeu ornamentos com barrados em arabescos e alguns outros ornatos pelas paredes lisas. Pavão, flor de Liz, pés de café, e outras tantas referências a simbologia cristão como o peixe, a estrela de Davi, o templo de Salomão, Acácias e dezenas de outros.

Considerando sua defesa ao muralismo, à popularização da arte, à liberdade de criação e ao fazer artístico como ato político, o convite para pintar a catedral de Jacarezinho era bastante atraente. Inclusive empolgava a Sigaud a possibilidade de chamar a atenção de uma população fora dos circuitos das galerias de arte para seu

trabalho, como podemos conferir no fragmento da carta de Sigaud destinada a Campofiorito e, por este último, publicada na matéria “E. P. Sigaud no Paraná”:

“Será a decoração mural a única possibilidade do artista ter a sua obra vista e admirada por multidões, às quais, com maior curiosidade, indaguem sobre, contudo do que presenciam pintado nas paredes. Isto não acontece com a nossas telas que vão para os museus e para as galerias particulares, onde poucos as vêem e raramente”.

Com essa clara intenção de Eugênio Sigaud em atrair os mais curiosos, combinada a sua dedicação a arte figurativa e a preocupação com uma função social no fazer artístico, não nos resta dúvida que o artista buscava promover uma experiência estética investida de sentidos nos frequentadores da igreja, por meio de sua arte.



Figura 2. Três perspectivas do interior do templo.

Ao fazer uso da terminologia decoração mural, o artista assume sua pintura mural como uma prática decorativa. Essa postura nos remete a um programa artístico que teve grande relevância no Brasil da virada do século, ou seja, a pintura decorativa. Esse gênero

da pintura foi eleito, por grupos políticos partidários da República, como instrumento de constituição de uma retórica que pudesse legitimar o recém proclamado regime de governo no Brasil bem como meio de promoção de um sentimento nacionalista. Segundo Valéria Salgueiro, em artistas como Rodolfo Amoedo (1857-1941), Henrique Bernardelli (1858-1936), Eliseu Visconti (1866-1944) e Antônio Parreiras (1860-1937) foram recorrentemente escalados para encomendas de pinturas decorativas para prédios públicos, como os edifícios da então Avenida Central do Rio de Janeiro (hoje Avenida Rio Branco, dos quais destacamos o Teatro Municipal, a Biblioteca Municipal e a Escola Nacional de Belas Artes. (SALGUEIRO, 2002, p. 7; VALLE, 2010).

Conforme Arthur Valle, havia um partido formal adotado pelos pintores, reconhecido nas seguintes características: “emprego de uma paleta de cores claras, a estilização sintética dos motivos, a parcimônia no emprego de efeitos de claro-escuro, modelado e perspectiva” (VALLE, 2010, p. 118). Inclusive, recomendava-se um estudo aprofundado dos princípios e valores arquitetônicos do prédio a ser decorado, para então ser realizada a composição da pintura, a qual deveria subordinar-se, ou pelo menos não se sobressair, à arquitetura.

Contudo, nos anos 1930 mudanças significativas ocorreram na história da pintura mural no Brasil, em especial pela incorporação do ideário do muralismo mexicano, bem como das proposições do arquiteto franco suíço, Le Corbusier, sobre “Síntese das Artes”.

Muitos foram os pintores modernistas brasileiros que estabeleceram diálogo com essas concepções e produziram diversos exemplares de pinturas murais. Dentre eles, destacamos a relevância e a versatilidade de Cândido Portinari (1903-1962) na realização de composições em azulejos, pastilhas, painéis, mas também afrescos, os quais foram idealizados para edificados como o Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Capanema, a Igreja da Pampulha, o edifício da ONU, entre tantos outros. Além da atuação de Portinari, convém mencionar que a construção de Brasília configurou-se como um ícone da síntese das artes no Brasil.

Por outro lado, embora estudos tenham indicado que a síntese das artes foi a vertente do muralismo com maior adesão dos artistas brasileiros, as pinturas de Eugênio Sigaud são bastante singulares por tal artista brasileiro ter se aproximado mais dos valores estéticos dos muralistas mexicanos.

Aliás, justamente do ponto de vista ideológico, que as pinturas da catedral paranaense se tornam impressionantes até os dias de hoje, afinal é expressiva na contradição ideológica que permeia a sua construção, ao considerarmos que enquanto o artista Sigaud era comunista e ateu, por seu turno, o encomendador da obra, seu irmão Dom Geraldo de Proença Sigaud era um bispo representante da ala conservadora e anticomunista da Igreja Católica, uma liderança de ultradireita.

Assim, da negociação entre dois irmãos com visões de mundo completamente opostas é que foi idealizada a decoração da Catedral de Jacarezinho. Dada essas marcantes diferenças, cabe apresentarmos o bispo brevemente antes de tratarmos das pinturas de Eugênio Sigaud.

Sobre Dom Geraldo de Proença Sigaud encontramos, no livro intitulado “Jubileu de ouro da diocese de Jacarezinho — 1926–1976”, que Dom Geraldo de Proença Sigaud nasceu em Belo Horizonte, aos 26 de setembro de 1909. Sobre seus estudos a fonte destaca sua formação na Congregação do Verbo Divino, em cujo instituto fez o curso secundário e filosófico e ainda o doutoramento pela Universidade Gregoriana onde cursou Teologia, em 1932. (JUBILEU DE OURO DIOCESE DE JACAREZINHO, 1976, p. 14).

Depois disso foi ordenado sacerdote em Jerusalém e seguiu para Steyl, onde lecionou por algum tempo. Quando de volta ao Brasil ocupou vários cargos na Congregação como o de professor de Teologia em Santo Amaro, São Paulo. E depois de um tempo é nomeado Bispo de Jacarezinho e, em 4 de maio, tomou posse da Diocese de Jacarezinho tida então como uma das maiores dioceses do Brasil, somando mais de 2.000.000 de habitantes (SILVA JÚNIOR, 2006, p. ). Durante o bispado de Dom Geraldo a área diocesana é desmembrada, em 1956, com a criação das Dioceses de Maringá e Londrina, ambas, posteriormente, elevadas a Arquidiocese. Nos documentos da Diocese encontramos o seguinte relato sobre a criação dessas dioceses e o trabalho do bispo Sigaud:

Intenso tem sido o trabalho desenvolvido por Sua Excelência à frente da Diocese. Desmembrada a Diocese, em 1956, com a criação da de Londrina e Maringá, pode encontrar-se finalmente Dom Geraldo em atividade mais estrita e não menos intensa na formação do clero e dos fiéis. É conhecida a sua atividade no setor mariano, a ponto de sua diocese contar com o maior número de Congregados entre as dioceses do Brasil. Justificou plenamente o seu lema: Da per Matrem. Nas realizações materiais destacam-se a compra de terras para o Seminário de 120 alqueires aproximadamente. (LIVRO TOMBO DA CÚRIA I, 1957, s/p).

Além da construção da Catedral e do Seminário Menor, no bispado de Dom Geraldo, foi fundada a Faculdade de Filosofia - hoje Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Sobre essa última, Silva Júnior (2006) discorre:

‘defensores do bem’ e da Igreja (como a ala conservadora se intitulava) contra a proliferação das idéias comunistas, associadas freqüentemente às “legiões satânicas” (comunistas, socialistas e modernistas), funda-se uma Instituição de Ensino Superior com o objetivo de formar professores para as escolas da região... (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 51).

Segundo o historiador das religiosidades, Silva Júnior, a população jacarezinhense se constituiu expressivamente pela vinda de mineiros e paulistas para a localidade, que, nas suas palavras se tratava de “descendentes dos coronéis da república velha” (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 42).

Silva Júnior, também entende a atuação de Dom Geraldo em Jacarezinho como adequada do movimento da Neocristandade. Segundo ele, a neocristandade seria uma intenção ou reação católica que buscava retomar e fortalecer seu poder perante o Estado Brasileiro Republicano, conforme demonstra nestes termos:

[...] na primeira Era Vargas, ou seja, o período que se estende de 1930 a 1945 quando D. Leme consegue uma clara aproximação com o Estado conquistando algumas ‘vantagens’ para a Igreja Católica, até então oficialmente inéditas desde a Proclamação da República. No entanto, após a morte de D. Leme, poucos bispos continuaram a empreitada por ele proposta. A partir do final dos anos 50 e principalmente, durante a década de 60, após o Concílio Vaticano II, a recém criada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, vai cada vez mais orientar os bispos para “novas diretrizes pastorais”. Estas serão mais de acordo com a realidade da Igreja Latino-americana, a esta tendência cristaliza-se mais tarde em Medellin e Puebla. Alguns bispos porém, insistiram na visão tomista proposta pela neocristandade a respeito da missão da Igreja, como foi o caso de D. Geraldo Sigaud. Embora o mesmo não tenha insistido em lutar até as últimas conseqüências contra as decisões do Concílio, como fez seu amigo e colaborador o tradicionalista bispo de Campos D. Antônio de Castro Mayer, enquanto intelectual fez suas interpretação das decisões do Concílio e opôs-se à noção de ecumenismo que, segundo ele, seria o primeiro passo para a adesão de muitos católicos às idéias comunistas (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 40-41)

Ou seja, houve uma reaproximação entre Estado e Igreja durante o Estado Novo e imperavam em ambos uma filosofia de luta contra o comunismo. O fenômeno da

neocrisandade teve seu apogeu em Jacarezinho na década de 50 personificado na figura de Dom Geraldo de Proença Sigaud.

Tal bispo era expressivamente avaliado como ultraconservador e visava “conquistar mentes” através de sua atuação. Observamos que ele se deparou com uma comunidade bem receptiva às suas ideias no tocante às questões políticas e sociais, inclusive foi cofundador nacional, ao lado de Plínio Correa de Oliveira, da TFP — Sociedade da Defesa da Tradição, Família e Propriedade — que era [...] uma organização civil anticomunista que tinha como objetivo primordial combater a vaga do socialismo e do comunismo e ressaltar, a partir da filosofia de Santo Tomás de Aquino e das Encíclicas, os valores positivos da ordem natural, particularmente, a tradição, a família e a propriedade. (BELOCH; ABREU apud SILVA JUNIOR, 2006, p. 50).

Dessa forma, o menos improvável aconteceu em Jacarezinho: um pintor comunista e ateu chegava para trabalhar na finalização da construção da catedral de uma diocese que abrangia todo o Norte do Paraná e, portanto, uma diocese que se afortunava com as divisas do café convertidas em dízimos pagos por fiéis da localidade, mas também da região de Londrina e Maringá.

O artista permaneceu na cidade de 1954 até 1957, e produziu pinturas murais dispostas pelo templo em forma de painéis emoldurados e barrados em arabesco. Ao todo pintou mais de 40 painéis de diversos tamanhos.



Figura 03. Painel do Altar-mor. O Povo de Jacarezinho e o seu Clero na Promulgação do Último Dogma de Pio XII. 1956. 11 metros de diâmetro por 3 metros de altura. Fotografia da autora.

E um dos painéis emoldurados, o próprio Dom Geraldo é representado. Ele aparece numa procissão atrás do Papa Pio XII, juntamente dos bispos das recém criadas dioceses de Maringá e de Londrina. Nesse painel, intitulado O Povo de Jacarezinho e o seu Clero na Promulgação do Último Dogma de Pio XII, nos seus 11 metros de diâmetro e 3 metros de altura, o artista apresenta uma procissão com mais de cem figuras visíveis do então moradores da cidade (GONÇALVES, 1981, p. 66).

O clero (Figura 04) aparece repleto de pompa, em formas desproporcionais ao tamanho da população que vai ao seu encontro carregando imagens de Imaculada Conceição, São Sebastião e o próprio Cristo (Figura 05). A roupagem, as formas, as cores criam uma distinção do clero em relação a todas as outras personagens da pintura inclusive os celestiais.



Figura 04. Destaque Clero. Painel do Altar-mor.



Figura 05. Destaque Imaculada Conceição, São Sebastião e Cristo.. Painel do Altar-mor.



Figura 06. Destaque procissão. Painel do Altar-mor.

Combinando as formas de representação do clero no painel do altar-mor (distinto e pomposo) às figuras bem vestidas, altivas e com postura indiferente a fala de Cristo, parece mesmo que Sigaud faz uma crítica ao clero e seus seguidores cristão que se renderam ao capitalismo e rejeitaram os princípios cristãos de simplicidade e humildade, sobretudo por rejeitar esses princípios para si, mas se beneficiar da fé do trabalhador humilde que não se rebela frente a exploração de seu trabalho.

Na arte sacra de Sigaud, os marginalizados são os grandes protagonistas. Trabalhadores e trabalhadoras rurais, em sua maioria afrodescente, com face sisuda, marcadas pelas exploração cotidiana. Embora pelos preceitos bíblicos, em tudo condiz o protagonismo dos marginalizados em uma arte cristã, a recepção dos murais, de maneira geral, não seguiu essa lógica entre os cidadãos. Especialmente porque, na época, a catedral não foi idealizada para homenagear o simples e humilde, mas sim simbolizar a riqueza da diocese exultante pelo desenvolvimento econômico de sua região, e receber a elite local para a prática dos ritos católicos.

As pinceladas de Eugênio Sigaud nas paredes da Catedral de Jacarezinho estão intimamente ligadas a sua experiência individual na cidade de Jacarezinho. Essa experiência é bastante interessante na medida em que o pintor circulou por grandes centros urbanos, transitou por círculos artísticos, conheceu diversas sociabilidades. Chega

a Jacarezinho, e em negociação com seu irmão bispo Dom Geraldo, elabora uma narrativa visual que se contrapunha ao discurso performativo imperante da cidade. A riqueza produzida pelos trabalhadores na região não foi distribuída igualmente. Sigaud pintor deu evidência a essa realidade desigual, ao subverter o motivo da construção de uma nova Catedral (a 3ª desde a criação da diocese) e evidenciar a exclusão social; critica o clero distante do povo e imponente; homenageia o povo trabalhador, que na sua força física busca sua sobrevivência.

Para o bispo, o reconhecimento do talento e o afeto pelo irmão artista foram maiores que as diferenças ideológicas, enquanto o ateísmo do pintor não foi maior do que a vontade de homenagear os trabalhadores em pinturas murais. E, justamente, pelos encontros e desencontros desses dois irmãos, que a catedral de Jacarezinho se torna única.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BELOCH, I; ABREU, A. A (coords) Dicionário histórico-biográfico brasileiro (1930-1983). São Paulo: Forense Universitária/ FINEP/ FGV, 1983, v3 apud SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira. Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo brasileiro durante o Bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947- 1961). 2006. 94 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pós Graduação em História, UNESP, Assis.

CORBUSIER, Le. Precisoões: Sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. Coleção Face Norte, volume 06. São Paulo, Cosac Naify, 2004.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 02/07/1933, p. 18.

DIOCESE DE JACAREZINHO. 50 anos/ Jubileu de ouro da Diocese de Jacarezinho. Curitiba, PR: Gráfica Vicentina Ltda, 1976.

EVANGELISTA. Luciana de Fátima Marinho. O artista e a cidade: Eugênio de Proença Sigaud em Jacarezinho-PR (1954-1957). 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, 2012.

FREITAS, Patrícia Martins Santos. Muralismo em São Paulo: convergência das artes entre 1950 e 1960. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, 2017.

GONÇALVES, Luís Felipe. Sigaud: o pintor dos operários. [Rio de Janeiro].: Edibrás, 1981.

JORNAL DO BRASIL, 06/03/1977.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, jan-jun 2006. Disponível em:

<http://www.artcultura.ppghis.inhis.ufu.br/viewarticle.php?id=130>.

LIVRO DO TOMBO da Cúria Diocesana de Jacarezinho. Volume I.

PROJETO PORTINARI. Entrevista com Quirino Campofiorito. Programa Depoimentos. Entrevistadoras: Maria Christina Guido; Rose Ingrid Goldschmidt. Técnico de Som: Oswaldo Barbosa. Transcrição: Mafra e Silva. Niterói-RJ: 03/11 e 10/11/1982. Duração: 6 horas e 20 minutos.

SALGUEIRO, Valéria. A arte de construir a nação — pintura de história e a Primeira República. Estudos Históricos, Arte e História, n. 30, 2002/2,

SIGAUD, D. Geraldo de Proença. Catecismo Anticomunista, 3ª. Ed. Editora Vera Cruz. São Paulo, 1963.

SILVA JÚNIOR, Alfredo Moreira. Catolicismo, poder e tradição: um estudo sobre as ações do conservadorismo brasileiro durante o Bispado de D. Geraldo Sigaud em Jacarezinho (1947-1961). 2006. 94 p. Dissertação (Mestrado em História) – Pós Graduação em História, UNESP, Assis.

VALLE, Arthur. A estética do decorativo na pintura brasileira das primeiras décadas da República. IN: ArtCultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 117-134, jan.-jun. 2010.